

ESTÁGIO SUPERVISINADO: BREVES REFLEXÕES

Lucinéia Silva de Freitas (PG-UEMS)

Maria Silvia Rosa Santana (UEMS)

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre a prática do estágio supervisionado, realizado no terceiro ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso do Sul – UEMS, na Escola Jerônimo Rodrigues de Freitas localizada no Distrito do Alto Santana, sendo, portanto considerada uma escola do campo. O referido estágio se deu numa sala de aula multisseriada, que atendia Jardim II, Jardim III e primeiro ano. Para embasar a reflexão acerca de tal experiência foi realizada uma pesquisa bibliográfica, primeiramente buscando-se compreender sobre as especificidades da Educação do Campo, utilizando como aporte teórico Arroyo (2005) e outros. Depois a construção do relato sobre a prática do estágio supervisionado, o qual provocou necessidades de maior compreensão, então se buscou fundamentação teórica sobre o tema. Enfim a reflexão entre teoria e prática, proporciona um trabalho pedagógico alicerçado nas teorias, assim primando por uma práxis reflexiva.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Educação do Campo. Práxis Docente.

Introdução

Este artigo tem a finalidade de elaborar uma reflexão sobre a prática do estágio supervisionado, realizado no terceiro ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso do Sul – UEMS, realizado na Escola Jerônimo Rodrigues de Freitas localizada no Distrito do Alto Santana, sendo, portanto considerada uma escola do campo. O referido estágio se deu numa sala de aula multisseriada, que atendia Jardim II, Jardim III e primeiro ano. Para embasar a reflexão acerca de tal experiência foi realizada uma pesquisa bibliográfica, primeiramente buscando-se compreender sobre as especificidades da Educação do Campo, utilizando como aporte teórico de Miguel Arroyo (2005), Edgar Jorge Kolling (1998), Sergio Celani Leite entre outros, esta pesquisa possibilitou a organização da primeira parte deste artigo, que aborda as especificidades da Educação do Campo.

Depois a construção do segundo tópico, que é o relato sobre minha prática do estágio supervisionado, no qual descrevo a minha experiência de estágio e foi por meio desta experiência que surgiu a terceira parte deste artigo, pois provocou necessidades de maior compreensão em torno desta temática, então se buscou fundamentação teórica em Stela C. Bertholo Piconez, Pedro Demo e Paulo Freire. Enfim a necessidade de reflexão entre teoria e prática, possibilitou a construção deste artigo, pois o trabalho docente deve ser alicerçado nas teorias, assim primando por uma práxis reflexiva.

1. As Especificidades da Educação do Campo

A educação no Brasil é repleta de rupturas, as quais acontecem em todos os momentos de acordo com os interesses religiosos, políticos e econômicos, e o mais importante que seria a “educação”, parece sempre relegada.

A Educação do Campo não difere da situação de esquecimento da educação no contexto histórico, no entanto, no começo do século XX, poucos tinham acesso à escola no

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

campo, e até nos dias de hoje, percebe-se o descaso com os povos do campo, pelo fato de serem a minoria, isso reflete nas decisões do poder público:

As ações do Estado dirigidas à educação rural sempre representam uma preocupação marginal face ao conjunto de medidas no âmbito social. Isto se explica pelo baixo índice de desenvolvimento capitalista e do predomínio da agricultura na formação econômico-social. (CALAZANS; CASTRO; SILVA, 1981, p. 162).

A partir disso, pode-se notar que as práticas educativas surgem de acordo com as necessidades do governo e da sociedade capitalista, e aqueles grupos que ficam à margem da sociedade são os mais prejudicados e esquecidos. Conforme, (LEITE, 1999, p. 14):

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: ‘gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade’. (grifos do autor)

De forma bastante fatalista, pois retira do homem do campo o poder de decidir sobre seu futuro e sua atividade econômica futura, e essa citação de Leite confirma a de Calazans; Castro; Silva demonstrando que as políticas educacionais não são voltadas para atender as necessidades dos povos do campo. Já que esses se encontram à margem da sociedade, excluídos, sem perspectivas de obter uma economia sustentável familiar, tendo, em algumas situações, que migrar para os centros urbanos em busca de sustentar a família e, por falta de escolaridade, acabam desempregados.

A educação do campo, por atender uma minoria, acaba sendo discriminada, tida como sinônimo de atraso, sem perspectiva de futuro e a educação da cidade é tida como evoluída. Isto gera certo esquecimento, uma omissão não só dos poderes públicos, mas até mesmo dos meios acadêmicos, como bem afirmam os autores abaixo:

O silenciamento, esquecimento e até o desinteresse sobre o rural nas pesquisas sociais e educacionais é um dado histórico que se tornava preocupante. Por que a educação da população do campo foi esquecida? Um dado que exige explicação: ‘somente 2% das pesquisas dizem respeito a questões do campo, não chegando a 1% as que tratam especificamente da educação escolar no meio rural’. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p.8).

Diante dessa situação, pode-se avaliar o quanto a educação do campo está marginalizada, pois se nem os pesquisadores se interessam em conhecer, valorizar a realidade e denunciar as dificuldades do homem do campo, como se pode reverter essa situação?

Uma boa iniciativa de mudar e reverter a situação de abandono e descaso desses povos é:

[...] utilizar a expressão *campo* e não a mais usual *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo da Conferência uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p.25).

Pois segundo os autores supra citados (2004, p. 25),

[...] quando discutimos a educação do campo estamos tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, [...], sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

A preocupação maior com os termos usados para fazer referências ao homem do campo é a questão que, “[...] trazem tanto um conteúdo valorativo, quanto depreciativo”. (op.cit., 2004, p.25). Por isso é importante a mudança de expressão.

As populações do campo enfrentam diversas dificuldades para terem direito à educação, entre elas encontra-se a falta de estrutura física, tanto das unidades escolares quanto das estradas de acesso, de professores preparados para atender esses alunos, de material didático-pedagógico e de transporte escolar adequado, o qual deve atender as necessidades dos alunos do campo, no campo, respeitando a realidade e a cultura do homem do campo. Essa problemática pode ser elucidada por Leite (2002, p.55),

[...] a problemática ligada à escola rural continua e, entre os quesitos a serem considerados, temos: 1. quanto aos aspectos sócio-políticos: a baixa qualidade de vida na zona rural; a desvalorização da cultura rural; a forte infiltração da cultura urbana no meio rural; a conseqüente alteração nos valores sócio-culturais campestres em detrimento aos valores urbanos; 2. quanto à situação do professor: presença do professor leigo; formação essencialmente urbana do professor; questões relativas a transporte e moradia; clientelismo político na convocação dos docentes; baixo índice salarial; função triplíce: professora/merendeira/faxineira; 3. quanto à clientela da escola rural: a condição do aluno como trabalhador rural; distâncias entre locais de moradia/trabalho/escola; heterogeneidade de idade e grau de intelectualidade; baixas condições aquisitivas do alunado; acesso precário a informações gerais; 4. quanto à participação da comunidade no processo escolar: um certo distanciamento dos pais em relação à escola, embora as famílias tenham a escolaridade como valor sócio-moral; 5. quanto à ação didático-pedagógica: currículo inadequado, geralmente estipulado por resoluções governamentais, com vistas à realidade urbana; estruturação didático-metodológica deficiente; salas multisseriadas; calendário escolar em dissonância com a sazonalidade da produção; ausência de orientação técnica e acompanhamento pedagógico; ausência de material de apoio escolar tanto para professores quanto para alunos; 6. quanto às instalações precárias e na maioria das vezes sem condições para o trabalho pedagógico; 7. quanto à política educacional rural: são raros os municípios que se dispõem a um trabalho mais aprofundado e eficiente, devido à ausência de recursos financeiros, humanos e materiais.

O ensino diferenciado para alunos do campo é um desafio, que em primeiro lugar demonstra ser necessário diagnosticar qual educação está sendo realizada e quais objetivos estão presentes. A partir disso, a implantação de uma proposta educacional diferenciada e que respeita os valores campestres se torna possível. (KOLLING, 1998, p. 23).

A educação do campo necessita:

[...] ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo, deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz. (KOLLING, 1998, p.24).

A escola do campo, dentro do contexto da educação nacional, tem que ter uma organização diferenciada, que privilegia e respeita o lugar onde vive o educando.

A educação do campo, observando as particularidades que envolvem essa população, necessita organizar um projeto de escolarização que valorize os costumes e cultura desses povos e com objetivos educacionais que trabalhem com uma pedagogia libertadora, para que o homem do campo possa ter consciência de sua condição e sentir-se inserido na sociedade.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

2. Breve Relato Sobre Minha Prática de Estágio Supervisionado Realizado na Educação Infantil

O estágio supervisionado na Educação Infantil foi realizado no ano de 2007, o qual tive a oportunidade de realizar em uma escola do campo, então executei meu estágio na Escola Jerônimo Rodrigues de Freitas, localizada no Distrito do Alto Santana, que funciona como extensão da Escola Dona Maria Paula, localizada no Distrito do Alto Tamandaré, numa sala de aula multisseriada que atendia Jardim II, Jardim III e primeiro ano.

Neste estágio foram realizadas observações e um projeto, o qual deveria ter uma culminância de aproveitamento para a unidade escolar em que estávamos estagiando. Assim comecei as observações, as quais para mim foram reveladoras, uma vez que a professora regente possuía uma vasta experiência em alfabetização, e trabalhava com apoio teórico da autora Emília Ferreiro.

Então, pude perceber que a sala multisseriada possui suas vantagens, desde que sejam reduzidos os números de alunos para possibilitar o trabalho docente, entre essas vantagens pode-se destacar a questão das crianças terem contatos com informações que teriam somente em séries posteriores. Nesse sentido, entra a teoria de Vygotsky, que prima por uma interação social, e afirma que a criança se desenvolve de acordo com o meio de convívio social, e pude notar que as crianças tinham uma interação entre elas que possibilitava o aprendizado e desenvolvimento com uma agilidade impressionante, mas me pergunto sempre se aquela sala de aula tivesse uma quantidade de aluno alta, será que o resultado seria o mesmo? Se a professora não tivesse uma vasta experiência em alfabetização, será que o resultado seria o mesmo?

A professora em sua prática de ensino valorizava os conhecimentos dos alunos, respeitava suas culturas, embora não trabalhasse a valorização e a importância das culturas camponesas, primando por uma melhor qualidade de vida do homem do campo, no campo, mas meu foco de pesquisa no momento não era esse, então entendo que a práxis da professora enquanto alfabetizadora não deixa a desejar, pois trabalhava com projetinhos, teatros, confecção de cartazes, leitura compartilhada, incentivo à leitura, jogos e brincadeiras, entre outras maneiras de incentivar o aluno a aprender.

A proposta de estágio visava também à execução de um projeto, então por ser a única que estagiava nesta escola fiquei em dúvida sobre realizar este projeto, mas conversando com a professora regente sobre a execução de um projeto, ela me propôs realizarmos um projeto de “Jogos, brinquedos e brincadeiras”, no qual participei da execução. Para a execução do projeto contamos com ajuda dos pais dos alunos, alunos, e de toda a escola e funcionários, ou seja, contamos com a colaboração da comunidade interna e externa, e tivemos como culminância a construção de uma casinha de bonecas.

Para o sucesso da concretização desse projeto, houve várias doações de brinquedos, de materiais para confecção de brinquedos em conjunto com os alunos, quando foram confeccionadas petecas, bonecas de espiga de milho, cavalos de pau e até um Bob Esponja, e para a arrecadação financeira para construção da casinha de boneca, reuniram-se todos e realizou-se um baile em prol da escola, o qual possibilitou não só a construção da casinha de boneca, mas a compra de uma geladeira, pois a escola tinha somente um freezer, possibilitou ainda a confecção de cortinas para as janelas das salas de aulas e também a compra de um DVD.

Acredito que esta experiência de estágio me trouxe muito conhecimento e percebi a relevância do professor ter conhecimento das teorias para poder colocá-las em prática, pois acredito que a teoria não difere da práxis, o que percebo é que quando se busca na teoria apoio para realização da prática, surgem bons resultados.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

3. Breve Reflexão Sobre Minha Prática de Estágio Supervisionado na Educação Infantil

A minha prática de estágio supervisionado da Educação Infantil foi bastante produtiva, mas tenho milhares de dúvidas em assumir uma sala de aula de alfabetização, embora tenha um bom conhecimento teórico, às vezes, não me sentia preparada para tamanha responsabilidade. Essa questão já é alvo de discussão, como Piconez (1991, p.15) descreve:

Os debates e estudos sobre a Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, embora reduzidos, no que tange à formação do professor de pré a 4ª série do 1º grau e mesmo a formação de professores no curso de Pedagogia, para Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério [...], têm empreendido muitas críticas sobre sua inadequação e pouca contribuição no preparo de professores para realização da escola básica.

Essa questão de ter muitas dúvidas para ingressar na sala de aula, me faz refletir sobre minha formação, e questionar sobre o que aprendi até hoje, então pensei: num primeiro momento estudei Piaget, Emília Ferreiro e um pouco sobre Vygotsky, associado à prática do estágio supervisionado da Educação Infantil, então nesse momento consegui fazer uma relação entre “[...] prática-teoria-prática que apresenta importante significado na formação do professor, pois orienta a transformação do sentido da formação do conceito de unidade, ou seja, da teoria e prática relacionadas e não justapostas ou dissociadas”. (PICONEZ, 1991, p. 16).

Posteriormente, refletindo sobre a prática de estágio supervisionada, então pensei em colocar em prática as teorias que aprendi ao longo do curso no estágio, mas diversas indagações surgiram em torno dessa reflexão, tais como: será que a “[...] teoria colocada no começo dos cursos e uma prática colocada no final deles em forma de Estágio Supervisionado constituem a maior evidência da dicotomia existente entre teoria e prática [...]”? Ou será que “[...] as orientações do estágio têm sido dirigidas em função de atividades programadas *a priori*, sem que tenham surgido das discussões entre educador-educando, no cotidiano da sala de aula, da escola [...]”? (PICONEZ, 1991, p. 17).

Nesse contexto, percebe-se a relevância de uma práxis dialógica, defendida por Paulo Freire, e de termos uma práxis reflexiva, que pode ser elucidada por Freire (1983, p.149):

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente.

Diante disso, noto que a complexidade da formação de professores é grande tanto quanto aos dos médicos que salvam vidas, ou melhor, pode-se considerar até maior a responsabilidade do professor, pois de uma única vez pode “matar” vários indivíduos, ou deixar feridas incuráveis por resto da vida de seus alunos.

Conforme Demo (1994, p. 145),

[...] O professor vazio tende a enquadrar os alunos nas formas da lei para encobrir sua fragilidade. Exige absoluta presença, de silêncio, reverência. Preza a prova como momento supremo de avaliação reprodutiva. [...] No outro extremo, está o professor ‘esculhambado’, que fomenta o mesmo pacto de mediocridade, [...] as provas são tranqüilamente ‘coladas’.

Diante da complexidade que envolve o contexto escolar a reflexão sobre a prática de

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

estágio torna-se algo delicado em se realizar, para elucidar isto Piconez (1991, p. 17), faz a seguinte afirmação: “[...] o conhecimento da realidade escolar através dos estágios não tem favorecido reflexões sobre uma prática criativa e transformadora nem possibilitado a reconstrução ou redefinição de teorias que sustentem o trabalho do professor”.

Assim, para vencer os desafios da Prática de Ensino e Estágio Supervisionado é preciso primar por uma educação que prestigie a realidade da vida dos alunos, e por uma práxis que seja dialógica e reflexiva. Isto não é utopia, trata-se de lutar por melhores condições de ensino, aprendizado e acreditar que é possível trabalhar a teoria na prática.

Considerações Finais

Este artigo possibilitou a reflexão sobre a Prática de Ensino e Estágio Supervisionado que vivenciei, e sobre que tipo de professor quero ser. Assim, percebo que a formação teórica que tive ao longo do curso de Pedagogia foi boa, mas poderia ter sido melhor, hoje com a maturidade que tenho percebo que poderia ter aproveitado mais o que foi oferecido pelo curso, mas por outro lado o curso também poderia ter oferecido mais, pois é a teoria que ajuda a prática de ensino, embora penso que o docente tem que estar em busca constante de formação, ou seja, buscar uma formação contínua.

Pois acredito que é possível trabalhar prática-teoria-prática, e desta forma associar todos os conhecimentos para auxiliar no dia-dia da sala de aula, e sempre buscar mais conhecimento e respaldo teórico.

Portanto, é de suma importância primar por uma busca constante de respaldo teórico, e faço referências a Paulo Freire, que defendia uma práxis dialógica que permite reconhecer a realidade do aluno e superar diariamente minhas ignorâncias. Sem isso, como formar, humanizar, alfabetizar? Acredito que não seja possível.

Referências

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). *Por uma educação do campo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CALAZANS, M. J. C; CASTRO, L. F. M de; SILVA, H. R. S. Questões e contradições da educação rural no Brasil. In: WERTHEIN, J.; BORDENAVE, J. D. (Org.). *Educação rural no Terceiro Mundo*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. RJ: Paz e Terra, 1983.

KOLLING, Edgar Jorge. et al. *Por uma educação básica do campo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

LEITE, S. C. *Escola Rural: urbanizações e políticas educacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. *A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 240-245	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------